SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

apresenta

THE ACADEMY OF ANCIENT MUSIC

Regente: CHRISTOPHER HOGWOOD

Promoção:

Patrocínio

THE ACADEMY OF ANCIENT MUSIC

A primeira Academy of Ancient Music foi fundada no século XVIII com o propósito de interpretar música antiga, definida pelo Dr. Pepusch, seu diretor, como qualquer obra composta há mais de vinte anos. Suas apresentações, conhecidas como KINGS CONSORTS, tiveram por patrono a Sociedade de Londres e continuaram até 1848.

O moderno renascimento da Academy foi realizado por Christopher Hogwood em 1973 com a finalidade de se oferecer ao público a oportunidade para se ouvir música tal qual ela teria soado na época em que foi composta. O conjunto reúne especialistas em todas as áreas do estilo barroco/clássico, utilizando instrumentos semelhantes e com o mesmo contingente daquele período. Em fevereiro de 1973, quatro músicos da Academy reuniram-se em Cambridge para interpretar e gravar o ciclo dos trio sonatas de Purcell de 1683; em junho o grupo dava prosseguimento ao projeto gravando as Sinfonias de Haydn com uma orquestra de apenas vinte e um músicos, o mesmo número com o qual contava o compositor em sua estréia no ano de 1814; finalmente, em 1990, cento e oitenta membros da orquestra e do coro gravaram em CD e Vídeo a CRIAÇÃO de Haydn, exatamente o mesmo contingente por ele utilizado quando de sua primeira apresentação no Burgtheater de Viena em 1799.

A Academy of Ancient Music caracteriza-se por sua diversidade. Suas atividades são inúmeras, indo de concertos a gravações de discos e vídeos. Seus primeiros trabalhos para o selo Decca L'Oiseau/Lyre são particularmente renomados. A polêmica que o conjunto vem provocando, e cuja importância é fundamental para o desenvolvimento da música antiga, é tão indispensável quanto os elogios que recebe da crítica e do público em geral. O estímulo que a Decca tem prestado, através de suas gravações, a este espírito de redescoberta permitiu o acesso do público à música antiga. Não fosse este estímulo, é provável que o acesso ficasse limitado a artigos especializados escritos por musicólogos. Graças aos conselhos de Neal Zaslaw, as gravações com o ciclo completo das Sinfonias de Mozart revelaram pela primeira vez o universo eclético com o qual o compositor escreveu suas obras para orquestras de diferentes formações e contingentes nos importantes centros musicais para os quais trabalhou. Através de seu grande talento para a improvisação e dos importantes estudos sobre o estilo de compor de Mozart, Robert Levin tem oferecido ao público que assiste ao ciclo completo dos concertos para piano do compositor austríaco, oportunidades para que descubra uma nova cadenza sempre que um concerto de Mozart é interpretado. No caso do projeto sobre as Sinfonias de Haydn, a primeira surpresa foi provocada pela informação de que este não utilizava o cravo como baixo contínuo em seus concertos em Esterhaza. A controvérsia sobre estas evidências prosseguem, e podemos imaginar o compositor se divertindo com as discussões.

Além das gravações, a Academy of Ancient Music apresenta um grande número de concertos, e está freqüentemente em tournées internacionais. No início do ano a orquestra percorreu o leste da América do Norte, apresentando-se também em Viena, Jerusalém, Inglaterra e Suíça. Para a tournée do Japão em novembro, foram comissionadas obras especialmente coreografadas pela NEW YORK BAROQUE DANCE COMPANY. A fim de comemorar o terceiro centenário da morte de Purcell, a Academy está preparando as produções da THE INDIAN QUEEN e DIOCLESIAN para o Barbican Centre de Londres e a nova Cité de Musique de Paris.

THE ACADEMY OF ANCIENT MUSIC **Regente: Christopher Hogwood**

Primeiros Violinos
Simon Standage
Pierre Joubert
William Thorp
Brian Smith
Iona Davies
Diane Terry
Johannes Gebauer
Jo Parker

Segundos Violinos
Roy Mowatt
Jonathan Kahan
Fiona Duncan
Ann Monnington
Garry Clarke
Helen Brown

Violas
Katherine Hart
Nicola Akeroyd
Leon King
Colin Kitching
Marina Ascherson

Violoncelos
David Watkin
Christopher Poffley
Marilyn Sansom
Imogen Seth-Smith

Contrabaixos
Judith Evans
Timothy Lyons

Flautas
Lisa Beznosiuk
Guy Williams

Oboés
Frank de Bruine
Gail Hennessy

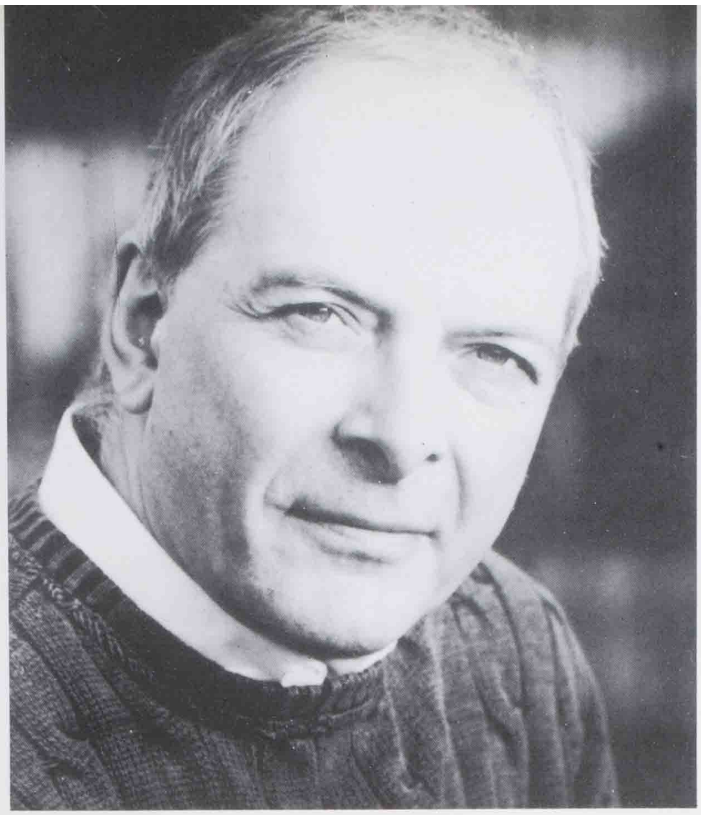
Clarinetas
Antony Pay
Jane Booth

Fagotes
Alistair Mitchell
Philip Turbett

Trompas
Anthony Halstead
Robert Maskell
Christian Rutherford

Trompetes
David Blackadder
Phillip Bainbridge

Percussão
Robert Howes



CHRISTOPHER HOGWOOD

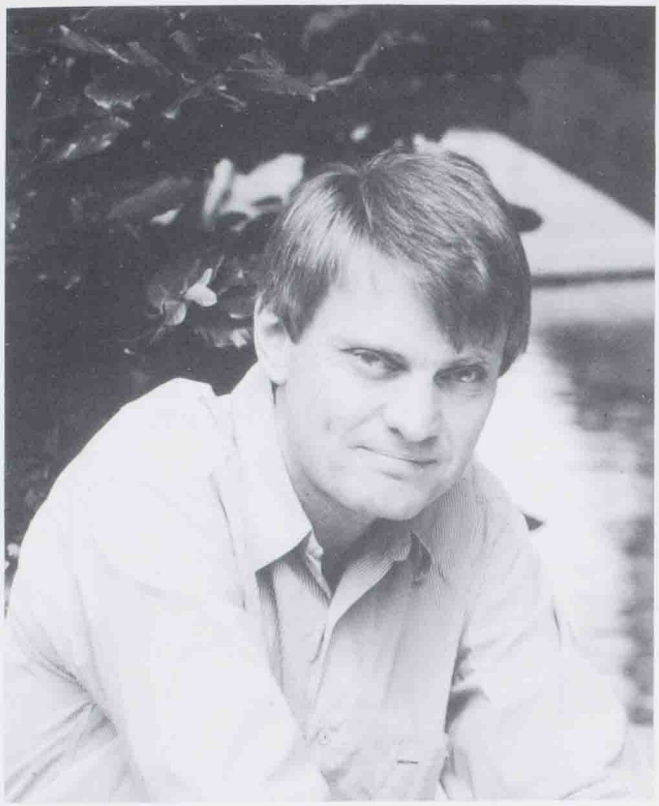
Desde que fundou a Academy of Ancient music em 1973, Chistopher Hodwood alcançou reconhecimento internacional como pioneiro no gênero da música antiga. Todavia, este é um adjetivo do qual não gosta, sendo o primeiro a rejeitar qualquer sugestão segudo a qual sua música buscaria uma **afirmação** categórica sobre a memória correta de se interpretar os períodos barroco e clássico. "Historicamente informado" é a descrição que prefere, o mesmo podendo ser aplicado à sua intensa atividade como maestro, que aliás não se restinge nem aos conjuntos de música antiga, nem mesmo aos programas barroco/clássico.

Junto à Academy of Ancient Music, Hogwood tem uma carregada agenda de concertos internacionais, além de uma considerável e renomada discografia com a Decca/London Records para o selo L'Oiseau-Lyre. Paralelamente aos projetos de gravação das sinfonias de Haydn e do ciclo de óperas de Mozart, também tem deixado sua marca em programas de TV e Vídeo, incluindo o ambicioso e dramaticamente concebido programa com áreas operísticas de Haendel juntos à Kiri Te Kanawa e à Academy of Ancient Music.

Christopher Hogwood é Diretor Artístico da BOSTON'S HANDEL AND HAYDN SOCIETY, e principal Regente Convidado da SAINT PAUL CHAMBER ORCHESTRA, regendo os dois conjuntos em seus respectivos países e no exterior, bem como gravando com eles para a Decca. Seus programas com a Saint Paul, assim como junto à outras importantes orquestras de instrumentos modernos, têm por principal característica uma fascinante justaposição do antigo/novo: por exemplo, o repertório clássico e neo-clássico, incluindo Martinu, Tippet, Stravinsky e várias obras especialmente comissionadas. Hogwood e também conhecido por sua grande atuação como regente de óperas, não apenas no ciclo das óperas de Mozart que está gravando com a Academy para a Decca, mas também como assíduo convidado da AUSTRALIAN ÓPERA, junto à qual irá reger IDOMENEO este ano.

Apesar de seus inúmeros compromissos, Christopher Hogwood tem vários livros de sucesso incluindo a famosa biografia de Haydn publicada pela TAMES AND HUDSON. Sua reputação como cravista é excelente, tanto em concertos como em renomadas gravações; por outro lado é um grande apresentador em diversos programas musicais para TV e rádio. Possui o título de HONORARY DOCTORATE pela Universidade de Keele e é um FELLOW OF JESUS AND PEMBROKE COLLEGES, em Cambridge, além de contar com o grau de INTERNATIONAL PROFESSORSHIPS na ROYAL ACADEMY OF MUSIC e no KING'S COLLEGE em Londres.

Hogwood reside em Cambridge, onde leciona menos do que gostaria e possui importante coleção de instrumentos para teclado, que vai desde um cravo italiano do século XVI até um piano do século XIX, que já foi propriedade de Weber. É também um colecionador entusiasta de porcelanas.



HANYA CHLALA

SIMON STANDAGE - violino

Simon Standage é famoso especialista na música dos séculos XVII e XVIII. Foi membro fundador do ENGLISH CONCERT com o qual tocou por muitos anos como solista e fez inúmeras gravações, a exemplo das QUATRO ESTAÇÕES de Vivaldi indicada para o GRAMMY. Como solista da Academy também tem várias gravações, incluindo os concertos LA CETRA de Vivaldi e a integral dos concertos para violino de Mozart.

Em 1981 formou o quarteto de cordas Solomon, que se especializou na interpretação histórica do repertório clássico, tocando pelo mundo inteiro e realizando inúmeras gravações. Simon Standage é professor de violino barroco na ROYAL ACADEMY OF MUSIC.

ANTONY PAY - clarineta

Anthony Pay nasceu em Londres, estudou na ROYAL ACADEMY OF MUSIC e fez matemática na Universidade de Cambrigde. Tem sido primeiro clarinetista na ROYAL PHILHARMONIC ORCHESTRA, na LONDON SINFONIETTA (da qual foi membro fundador), na ACADEMY OF ANCIENT MUSIC e na ORCHESTRA OF THE AGE OF ENLIGHTNMENT.

Recentemente restringiu-se à sua carreira como solista e maestro, gravando os concertos de Spohr e Mozart para a Decca, assim como inúmeras obras de música de câmara. Regeu a London Sinfonieta por toda a Europa e a Academy of Ancient Music na Alemanha, Áustria e Holanda. Como regente convidado tem se apresentado frente à orquestras da Escandinávia, Itália e Estados Unidos. Também toca em instrumentos de época neste sentido; é preciso salientar que sua versão para o Concerto de Mozart com Hogwood e a Academy é apresentada com uma clarineta especialmente reconstruída. Gravou os Concertos de Weber com a Orchestra of the Age of Enlighthnment para o selo Virgin Classics.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Sábado, 17 de setembro às 21 horas

WOLFGANG AMADEUS MOZART
(1756-1791)
"La Clemenza di Tito", abertura, K. 621

WOLFGANG AMADEUS MOZART
Concerto para clarinete e orquestra em lá maior, K. 622
Allegro
Adagio
Rondo Allegro
Solista: ANTONY PAY

INTERVALO

LUDWIG VAN BEETHOVEN
(1770-1827)
Sinfonia n.º 1 em dó maior, Op. 21
Adagio molto - Allegro con brio
Andante cantabile con moto
Menuetto: Allegro molto vivace
Finale: Adagio - Allegro molto e vivace

2ª feira, 19 de setembro às 21 horas

WOLFGANG AMADEUS MOZART
(1756-1791)
"La Clemenza di Tito", abertura, K. 621

WOLFGANG AMADEUS MOZART
Concerto para clarinete e orquestra em lá maior, K. 622
Allegro
Adagio
Rondo Allegro
Solista: ANTONY PAY

INTERVALO

LUDWIG VAN BEETHOVEN
(1770-1827)
Sinfonia n.º 1 em dó maior, Op. 21
Adagio molto - Allegro con brio
Andante cantabile con moto
Menuetto: Allegro molto vivace
Finale: Adagio - Allegro molto e vivace

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

3ª feira, 20 de setembro às 21 horas

JOSEPH HAYDN
(1732-1809)

Sinfonia n.º 54 em sol maior
Adagio maestoso - Presto
Adagio assai
Menuet - Trio
Finale: Presto

WOLFGANG AMADEUS MOZART
(1756-1791)

Concerto n.º 5 em lá maior para violino e orquestra, K. 219
Allegro aperto
Adagio
Rondeau

Solista: SIMON STANDAGE

INTERVALO

LUDWIG VAN BEETHOVEN
(1770-1827)

Sinfonia n.º 2 em ré maior Op. 36
Adagio molto - allegro con brio
Larghetto
Scherzo: Allegro
Finale: Allegro molto

Próximas apresentações: Noite Francesa - Artistas Brasileiros
19 e 20 de outubro
Debussy - Ravel - Fauré
Poulenc - Satie - Saint-Saens

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

A Clemência de Tito foi composta durante o derradeiro ano de vida do compositor. Estreada em setembro de 1791, em Praga, sob regência do próprio Mozart, a ópera é uma alegoria da bondade e da grande alma dos príncipes, já que escrita para comemorar a coroação do imperador Leopoldo II como rei da Boêmia. O tom grandiosos do espetáculo é anunciado pela imponente Abertura, em dó maior, colorida em sua orquestração por clarinetes, trompetes e tímbales. A pomposa fanfarra inicial e o motivo elegante dado depois aos pares de madeiras são as idéias básicas sobre as quais a Abertura se articula.

O Concerto para clarinete e orquestra, em lá maior, K. 622 foi a última partitura de grande envergadura que Mozart conseguiu completar. Ele foi escrito para um companheiro de Maçonaria, Anton Stadler, e já foi chamado de "hino à fraternidade universal". Nem antes nem depois dele apareceu outra obra para clarinete concertante que conseguisse fazer sombra à sua extraordinária beleza. No **Allegro** inicial o solista é convidado a participar de brilhantes diálogos com a orquestra. No **Adagio** central as curvas são notáveis pelo perpétuo **cantabile,** de tom terno e sereno. O **Rondo - Allegro** encerra a obra de maneira vivaz e otimista, com o clarinete a se desincumbir de passagens especialmente virtuosísticas.

O Concerto para violino e orquestra n.º 5, em lá maior, K. 219 foi escrito, como os demais para esse instrumento, em 1775. Toda a série é diretamente inspirada no modelo francês então em voga, daí o seu caráter "galante". O de n.º 5 é o mais célebre de todos, graças à beleza de seus temas e à suprema perfeição formal. O **Allegro aperto** inicial combina motivos de recorte marcial e lírico. No **Adagio,** uma cantilena doce mostrada nos primeiros compassos percorre todo o movimento, dando a ele um clima que já foi definido como sendo de "sonhadora sensualidade". No **Rondeau (Tempo di minuetto - Allegro),** entre várias idéias de caráter contrastante, Mozart emprega uma que fornece um clima "turco" (à maneira do século XVIII, está claro) a esse colorido final.

Joseph Haydn (1732-1809)

Haydn conviveu com a sinfonia durante cerca de quatro décadas, entre 1757 e 1795, deixando-nos 107 delas. Seus primeiros ensaios nessa forma prenderam-se ao esquema da Abertura italiana e do Divertimento da esfera germânica, sobretudo da Escola de Mannheim. Na maturidade, Haydn instituiu um modelo autônomo, que ele próprio soube revigorar a cada nova abordagem, de enorme riqueza, capaz de influenciar diretamente as produções de Mozart e Beethoven.

A Sinfonia n.º 54, em sol maior, é de 1774, época em que Luigi Della Croce situa a "primeira luxuriante colheita do classicismo vienense", instante em que o modelo sinfônico se transforma, através de Haydn, "no modelo apto a expressar o sentimento transbordante de amor à vida". Uma das mais longas e substanciais do autor, a Sinfonia n.º 54 é uma das 12 que ele escreveu na expansiva tonalidade de sol maior. O sopro de grandeza da composição exigiu da parte de Haydn uma especial valorização do timbre, com a inclusão de sopros suplementares à massa orquestral.

No primeiro movimento, **Adagio maestoso - Presto,** o compositor explorou com sabedoria a possibilidade expressiva da introdução lenta enquanto página portadora de dignidade à obra. Seus acordes graves, misteriosos, preludiam o Allegro, instante em que a música se anima grandemente, em um movimento de júbilo repleto de gestos nobres e heróicos. O **Adagio assai** que vem em seguida tem o aspecto de uma profunda meditação. Já o **Menuet** subseqüente alterna engenho e simplicidade em um dos movimentos de dança mais felizes do autor. O **Presto** final, como o movimento de abertura, faz uso da forma-sonata, aqui articulada sobre dois temas contrastantes, mas ambos dotados de enorme verve.

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Com Beethoven, a sinfonia clássica adquiriu uma nova dimensão. Através dele, todas as referências sintáticas, morfológicas e semânticas inerentes a essa forma foram grandemente ampliadas sem que, entretanto, o arcabouço geral do arquétipo fosse perdido. O pensamento sinfônico de Beethoven, baseado na construção por grandes blocos sonoros, nos quais o timbre passou a ter um papel fundamental, alimentou-se também da sua fértil imaginação rítmica, que sempre funcionou como uma espécie de mola propulsora do discurso. Jamais existiu, antes ou depois de Beethoven, um artista capaz de deduzir uma riqueza tão grande de alguns materiais de base, transfigurados constantemente através do desenvolvimento temático. Foi exatamente essa característica, a de submeter os elementos temáticos às mais radicais e inesperadas transformações, que assustou tanto os primeiros ouvintes dessas obras do mestre de Bonn.

A Sinfonia n.º 1, em dó maior, Opus 21 foi composta em 1799-1800. Recebida com um misto de entusiasmo e admiração quando apresentada pela primeira vez em Viena, sob regência do jovem autor, foi criticada negativamente por alguns ouvintes, que perceberam nela apenas uma rude "música militar". O primeiro movimento **(Adagio molto - Allegro com brio)** é aberto com uma espantosa dissonância. Sua introdução lenta liga-se diretamente à seção animada, onde circulam temas ora imperiosos, ora

de uma graça quase mozarteana. É coroado por amplo desenvolvimento. O **Andante cantabile com moto,** em fá maior, segue o modelo haydniano ao empregar o esquema de sonata sobre dois temas principais; tem ambientação predominantemente lírica. O **Menuetto: Allegro molto e vivace** é considerado o movimento mais original da partitura por abandonar os floreios da velha dança aristocrática em favor de um vigoroso trecho de caráter scherzante, rude e popular. No **Finale: Adagio - Allegro molto e vivace,** uma simples escala ascendente de dó maior, enunciada paulatinamente, detona um novo e endiabrado **Allegro.**

A Sinfonia n.º 2, em ré maior, Opus 36 foi estreada em Viena, em 1803, época em que Beethoven percebia o agravamento da sua lamentável surdez. Resultado de tempos de enorme crise pessoal, a obra entretanto transborda de alegria e de vitalidade.

O movimento inicial **(Adagio molto - Allegro con brio)** apresenta uma longa e solene introdução lenta, que cede lugar a um **Allegro** no qual se alternam momentos de alegria, energia e dramaticidade. O **Larghetto** em lá maior utiliza, como o movimento anterior, dois temas principais em seu esquema em forma-sonata, em uma seção de lirismo algo cândido

No terceiro movimento Beethoven emprega pela primeira vez em uma sinfonia a designação **Scherzo** para nomear um discurso brusco, de atmosfera agreste, que seria uma de suas marcas registradas a partir daí. O **Finale: Allegro molto** é um rondó tratado livremente, com um tema principal fogoso e ágil e uma segunda idéia mais espirituosa. Considerado "monstruoso" à época, ele entretanto é uma genial resolução dos múltiplos conflitos expostos nos movimentos procedentes.

A Iochpe-Maxion

investe seu talento

em motores,

rodas, chassis,

eletrônica automotiva,

tratores, colheitadeiras,

seguros, serviços financeiros,

informática,

celulose e papel.

IOCHPE-MAXION

E divide o melhor do talento musical com você.

FOTO FAYER

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

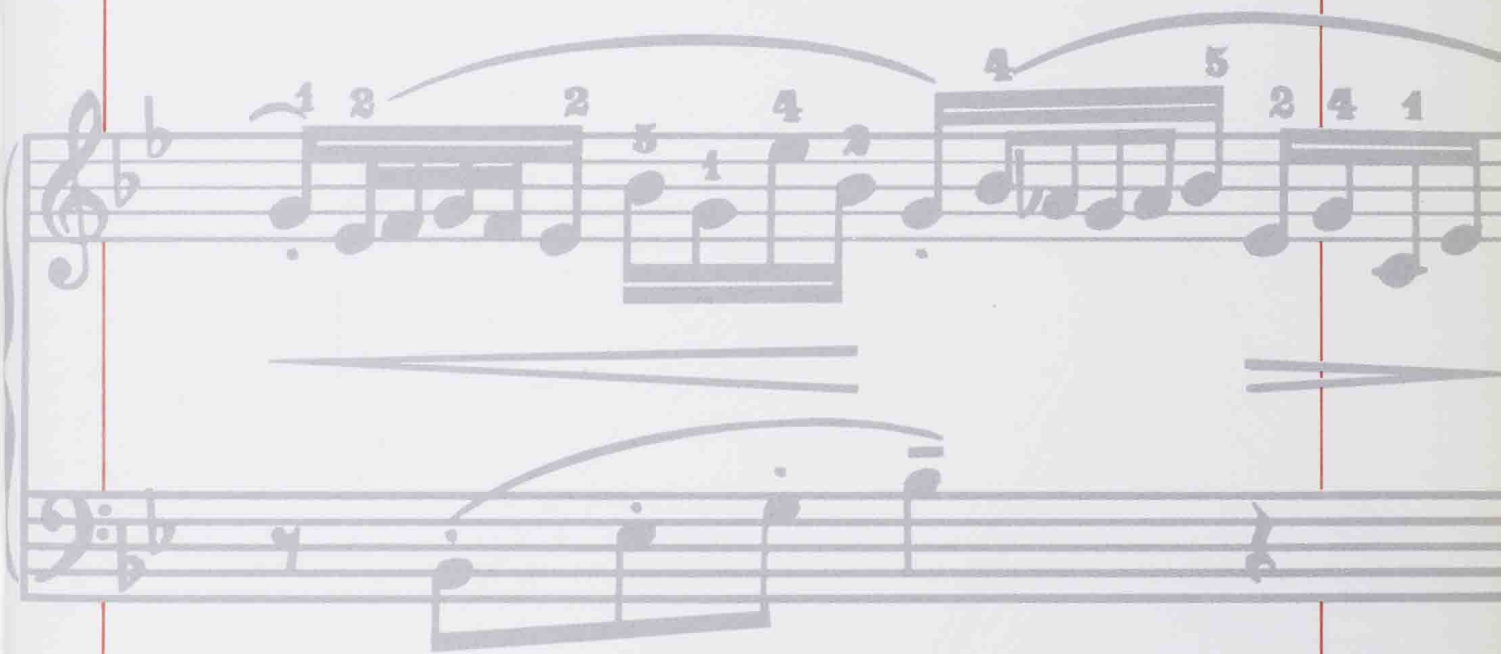
Diretoria

Luiz Vieira de Carvalho Mesquita	Presidente
José Martins Pinheiro Neto	Vice-Presidente
J. Jota de Moraes	Diretor Artístico
José Luís de Freitas Valle	Diretor Secretário
Fernando Rosa Carramaschi	Diretor Tesoureiro
Carlos Rauscher	Diretor
Gérard Loeb	Diretor
Jayme Sverner	Diretor
João Lara Mesquita	Diretor
José E. Mindlin	Diretor
Gérald Perret	Superintendente

Reconhecida de Utilidade Pública por
Decreto Federal, Estadual e Municipal

Projeto incentivado pela Lei Rouanet/PRONAC

ITAMARATI,
UM BANCO QUE INVESTE TAMBÉM
NESTAS NOTAS.



BANCO ITAMARATI

É claro que quando você diz aos seus amigos "A casa é sua", isso inclui Chivas Regal, ou não?

A vida é para ser vivida.

CHIVAS REGAL

Chivas Regal. Aprecie nossa qualidade com responsabilidade.